

AO SOM DO FREVO E DO MARACATU

Desde os seis anos de idade, a pernambucana **Maria Eduarda**, a Madu, sempre expressou a certeza de que, tão logo fosse dona da própria vida, sairia em viagem pelo mundo. Dona Márcia, a avó, ouvia aquilo com uma certa curiosidade, mas dava sempre o desconto de a neta ser tão pequena, tão frágil. O tempo passou e, aos 19 anos, Madu teve a certeza de que havia chegado a hora de bater asas. A menina passarinho queria voar alto. Fez as malas e, mesmo com pouco dinheiro no bolso, cruzou o Atlântico em direção a Portugal. Era outubro de 2019.

Mais de quatro anos se passaram e a pernambucana se tornou uma das mais promissoras cantoras da nova geração que emerge no país europeu. Autora de mais de 40 composições, Madu, aos 24 anos, tem a certeza de que, finalmente, encontrou a sua verdade, que, expressada por meio de suas canções, que vão do frevo ao maracatu, e de seu canto, atrai um público diversificado, que se identifica com as dores e as descobertas de uma imigrante. “É a minha história que eu levo para os palcos”, diz.

Nem sempre foi assim. Antes de se mudar de Recife, onde nasceu, para Lisboa, a jovem tinha vergonha de suas letras. Tanto que não conseguia cantar as próprias músicas. A sensação era de que nada se encaixava em sua voz. O jeito foi se lançar como cantora, mas entoando composições norte-americanas, com o inglês que havia aprendido ouvindo discos e rádios. “Era muito mais confortável para mim”, conta. O motivo do trauma era o medo de ver a sua obra autoral ser julgada, por ela e pelas demais pessoas. “Só quando me mudei para Portugal e enfrentei uma pandemia, vi que não havia razão para o sentimento de culpa. A solidão despertou a autoconfiança em uma jovem que estava tentando uma nova vida”, lembra.

Madu lançou, recentemente, o primeiro EP, com três músicas e um poema, todos de sua autoria. “É um momento muito especial na minha carreira”, afirma. “Mas não foi fácil escolher as canções, pois, no show, eu conto toda uma história, há um enredo ligando as músicas. Nesse sistema do EP, tudo é contado aos pedaços, mas creio que será muito interessante para o público ir descobrindo aos poucos”, diz. A música que puxou o lança-

Divulgação



mento foi *Contratempo*, cujo videoclipe está em todas as plataformas.

A cantora está com a agenda cheia, mas sonha em se apresentar em Recife, para a família dela, os amigos e os conterrâneos pernambucanos. Madu já fechou contrato com a Alta Fonte, que está gerindo a carreira dela no Brasil. A meta é que a estreia “em casa” seja no fim de 2024. O EP deve ajudar muito nesse processo. “Quero cantar para as pessoas que amo, para as pessoas do local onde nasci. Aí, sim, vou sentir que meu trabalho está sendo bem-feito”, frisa. “Por enquanto, esse reencon-

tro se dá por meio das plataformas digitais.”

Enquanto o show no Brasil não se confirma — ela nunca voltou ao país desde que cruzou o Atlântico —, Madu mata a saudade da família, em especial, da avó, por meio das letras de suas canções. Uma delas, *Quase sabiá*, foi escrita depois de uma conversa por mensagens com dona Márcia. A avó lhe contou que estava tomando café da manhã, quando viu um passarinho lindo pousar na janela. Ela tinha a certeza de que era a neta que havia voado de tão longe para lhe visitar. A música é uma das mais emocionantes do show da cantora.